

A CONQUISTA DO MUNDO

Madalena Mira

Acordou sem saber onde estava. Espreguiçou-se e acordou outros como ele. Saltitaram cada um para seu lado deixando-se levar como se estivessem numa corrida onde nada era controlado por eles, mas que lhes garantia transporte.

Mãos, pés, roupa, carros e bicicletas, qualquer coisa lhes servia, e se havia bicicletas!, que apesar de não serem velozes como outros veículos eram seguras no caminho. Iam, e era quanto bastava. Ou nem isso, porque nem sabiam que estavam a ir.

Mas foram. Foram da Ásia para a Europa, América, África e Oceânia. Foram a pé e de avião, de carro e de barco. Foram a grandes cidades e a pequenas aldeias. E em todo o lado encontravam terreno fértil para se instalarem e reproduzirem.

Confundiram-se com a essência do mundo atual, em permanente movimento, e com a essência de mundos passados, colonizando, e transformaram o planeta num enorme desfiladeiro por onde passava uma invisível manada em debandada. Cegos perante classes sociais, surdos perante diferentes línguas de diferentes países e mudos na resposta a todas as preces, instalaram-se, criando o caos.

Ao longo da sua história a Humanidade não se lembrava de ter trabalhado em unísono. Já tinha feito vários projetos em equipa, tomado decisões continentais, mas nunca se tinha ouvido o mesmo grito lançado dos diferentes fusos horários: *Fica em casa*, enquanto se rezava aos médicos.

Os presidentes, ministros e reis uniram-se fortemente ordenando o encerramento do mundo, que se fechou entre quatro paredes, numa ação comum que, se pensada anteriormente, dir-se-ia que todos tinham que estar juntos. E estavam! Mas afastados. Abandonaram-se os lugares de trabalho e as escolas, as fábricas, as empresas, as economias fecharam.

Os cidadãos agiram civicamente, numa atitude impensável, como quem fala baixo para passar despercebido, a gigante multidão cerrou portas para impedir a entrada a quem não viesse por bem e assim se mantiveram, sabendo que a proteção era mais vital que o colapso financeiro que se lhe seguiria.

O movimento que esvaziou ruas, praças e estradas, acotovelou-se nos *wi-fis*, o ar que se deixou de partilhar robusteceu-se, a água que se poluía cristalizou-se, e percebeu-se que muitas, muitíssimas tarefas podiam ser feitas à distância. A adaptação começou a ganhar contornos de transformação.

Porém, a vaga invisível torneava tudo e todos, escapava-se nos intervalos da chuva, sobrevivia em qualquer superfície e lançava uma febre miudinha, um mal-estar que, a muitos, não passava disso. A outros, matava-os.

A Morte, que andava sempre ocupada e desconhecia o significado de fins de semana ou férias, mantinha um negócio próspero, mesmo em épocas de poucas guerras, e

havia uma ironia na sua existência que lhe causava até vontade de rir: ela, Morte, tinha vida eterna. Estava presente para todos, grandes, a quem chamavam adultos, e pequenos, a quem chamavam crianças. Não importava o tamanho, o peito subia e descia, ela chegava e o movimento parava.

De início não percebeu muito bem o que passava, mas estranhou a diminuição de trabalhos na estrada, não havia acidentes de sangue nas ruas, não havia criminosos à vista. Porém, os hospitais revelavam uma atividade invulgar.

A Morte estava habituada a lidar com surtos e a deslocar-se em velocidade fantasmagórica de qualquer lado para todos os sítios onde o seu negócio florescesse, sem deixar de atender a velhos em aldeias perdidas ou a novos em vielas escuras. Ninguém a queria, mas todos a tinham.

Via a Humanidade a agir de forma bizarra: batia palmas, elevava valores esquecidos, agia em sentida solidariedade, ponderava com cientistas rigorosos em várias línguas como se fossem vizinhos ou família, exigia rigor e ética, esbanjava precaução e cuidados. Fazia-se *mea culpa*, e compensava-se com empréstimos, ofertas, doações, perdões, ventiladores e máscaras.

A Morte, atenta, franzia o sobrolho com a quantidade de trabalho nos hospitais, com os carros pretos das agências funerárias a darem lugar a camiões brancos de refrigeração. Os mortos acumulavam-se sem funerais, sem famílias, lágrimas ou choros, embora se ouvissem à distância. Onde estavam as manifestações de saudade pelos desaparecidos?

Pela primeira vez na história da vida da Humanidade, a Morte entendeu que não tinha condições de trabalho. Cenários de guerra ou *gulags* eram locais concentrados, picos de atividade no espaço e no tempo, mas isto...

Com o mundo num caos económico e social, depressivo e angustiado, enlutado, mas unido, a Morte, cansada e determinada em voltar ao antigo patamar de trabalho, decidiu não colaborar na loucura que testemunhava, virou as costas à Humanidade e afastou-se arrojando o seu manto negro.

Nos dias seguintes, as portas abriram-se lentamente, e a Cultura, que tinha mitigado a distância com livros, música, com atores e protagonistas vários a cantarem, dançarem, interpretarem, tocarem para um mundo que os recebia através das janelas dos telefones, dos computadores e das televisões, saiu à rua abraçada às pessoas e a gritar Liberdade!

Madalena Romão Mira

Nasceu em Moura, 1966. Trabalha e estuda na Universidade Autónoma de Lisboa.

É investigadora na área da História. Cidadã ativa interessada nas dinâmicas globais.